

As votações do semestre

Os parlamentares governistas voltam das férias encenando o mesmo espetáculo que apresentaram no início da legislatura, em março. Confienciam à imprensa uma pretensa insatisfação das "bases", reclamam da inabilidade dos ministros no preenchimento de cargos federais nos estados e do favorecimento a outros partidos da vasta aglomeração que apóia o Governo, especialmente o PSDB, que estaria aprendendo a praticar o fisiologismo e o nepotismo.

As denúncias contra o apetite dos tucanos costumam ser sublinhadas por simulacros de indignação. A indignação raramente expressará zelo pelo dinheiro do contribuinte. Revelará, antes, uma frustração por ter de partilhar com antigas vestais o espólio do bordel.

Embora todos os políticos neoliberais proclamem as virtudes da concorrência, não a admitem no seu mercado específico, que é o da privatização do Estado. Privatização, aliás, diferente da que transfere empresas estatais para a iniciativa privada, mediante alguma forma de pagamento, ainda que reduzida. A que praticam consiste em apropriar-se, sem gastar um tostão, dos recursos e serviços do Estado, que deveriam ser públicos, para usá-los para fins privados, individuais ou partidários.

O duque de Wellington, vencedor de Napoleão e primeiro-ministro da Inglaterra, foi procurado por uma ex-amante. Pedia-lhe dinheiro para não publicar suas cartas de amor. Wellington respondeu: "Publique e dane-se." Itamar Franco seguiu esta política. Quando os moralistas de fanfaria insinuavam aos repórteres terem provas de roubalheiras de homens públicos, que pretendiam mostrar ao presidente, Itamar recusava-se a recebê-las em segredo: chamava a imprensa. Uma excelente prática, hoje em desuso. Tal como a dama inglesa não publicou as cartas de Wellington, os dossiês de acusação tampouco costumam chegar aos jornais. Geralmente não passam de maledicência. Quem tem telhado de vidro não costuma apedrejar os vizinhos.

No semestre passado muitos políticos ocuparam o vazio de notícias decorrente dos prazos de tramitação das emendas à Constituição narrando à imprensa pretensas crises nos partidos governistas e rebeliões de grupos de defesa de inte-

resses específicos. A chamada bancada ruralista fez chantagem explícita, conseguiu favores mas, quando quis ir além daquilo que o Governo julgava possível conceder, levou um chega-pra-lá do presidente. Meteu a viola no saco e votou direitinho o que lhe era pedido.

A conversa fiada das rebeliões foi divulgada com tanta freqüência que muitos observadores chegaram a duvidar da aprovação de emendas da Ordem Econômica, especialmente as que flexibilizavam os monopólios das telecomunicações e do petróleo.

As votações do primeiro semestre foram ideológicas. Há, tanto na sociedade como no Congresso, uma hegemonia das propostas que Celso Furtado chama de "fundamentalismo mercantil", uma forma de religião moderna. Essa hegemonia expressou-se em votações esmagadoras, sobre matérias declaratórias. As votações que ocorrerão até o fim do ano são muito mais complexas, porque decidirão problemas concretos. No entanto, elas também serão aprovadas porque só chegarão ao plenário da Câmara e do Senado depois que houver consenso sobre a sua redação entre as forças que sustentam o Governo. Nesse sentido, as propostas que forem enviadas pelo Executivo representarão apenas uma abertura do debate.

Diante dessas previsões, o PT, que é o mais estruturado partido da oposição, prepara uma estratégia de contestação participativa. Nas reuniões realizadas por suas bancadas ao longo da semana, decidiu dividir a bancada em grupos de acompanhamento especializado para apresentar versões alternativas às reformas política, tributária e administrativa, que implicam mudanças na Constituição.

Os petistas participarão também dos debates sobre a MP da desindexação e sobre a regulamentação das reformas já aprovadas. Ao mesmo tempo, segundo o deputado Milton Temer, procurará melhorar o seu entendimento com a sociedade e concentrar o trabalho político nas questões do desemprego, da recessão, da inadimplência e das falências e concordatas.

Essa estratégia significa não ter a oposição grandes esperanças de vitórias imediatas. Procurará plantar as sementes de vitórias futuras, a começar pelas eleições municipais de 1996.